

Boemia na praia: memórias e crônicas de Newton Navarro

Viltany Oliveira Freitas*

Raimundo Pereira Alencar Arrais**

O trabalho *Boemia na praia: memórias e crônicas de Newton Navarro* tem por objetivo o estudo da boemia na Praia da Redinha, situada na cidade de Natal, por meio da análise da obra do escritor Newton Navarro, intitulada *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros*, publicada em 1975, constituindo a principal fonte desse trabalho. Essa obra é composta por um conjunto de crônicas memorialísticas que falam da Praia da Redinha na década de 1930 e das transformações ocorridas nessa praia, a partir das décadas de 1940 e de 1950, fruto da expansão imobiliária ocorrida na cidade de Natal.

Newton Navarro foi poeta, artista plástico, dramaturgo, contista e cronista. Como artista foi o pioneiro da arte moderna no Rio Grande do Norte, sendo pintor e desenhista de grande sensibilidade. No dia 28 de dezembro de 1948, realizou sua primeira exposição em Natal com mais de 57 trabalhos expostos, entre os quais, aquarelas, bicos-de-pena e estudos a nanquim, carvão e óleo. A mostra ocorreu no salão da Sorveteria Cruzeiro situada no bairro de Cidade Alta.

Navarro publicou dois livros de poesia, *Subúrbio do silêncio* (1953) e *ABC do cantador Clarimundo* (1955). Também escreveu os livros de contos *Solitário vento do verão* (1961) *Os mortos são estrangeiros* (1970) e *Beira-Rio* (1970). Nas décadas de 1950 e de 1960, o Jornal *A República* publicou muitos desenhos e crônicas de Navarro. Algumas dessas crônicas foram reunidas na obra *Trinta Crônicas Não Seleccionadas*, publicada em 1969.

Na segunda metade da década de 1950, Newton Navarro, em *A República*, escreveu sobre o cotidiano de bares e restaurantes de Natal. O autor era frequentador dos bairros de Cidade Alta, da Ribeira, de Santos Reis e das Rocas, por isso os principais temas de suas crônicas eram os encontros nos bares do Grande Ponto (Cidade Alta), o Rio Potengi, o Cais do Porto na Avenida Tavares de Lira (Ribeira), o Canto do Mangue (Rocas) e a Praia da Redinha. As crônicas de Newton Navarro constituíam um material destinado ao consumo diário do leitor. O autor escrevia, pois, de forma clara,

direta e simples. A linguagem poética estava presente nos textos. Navarro assumiu um papel de observador da cidade e dos lugares que frequentava. Ele escrevia sobre o seu tempo presente. As crônicas estão tomadas pela sensibilidade. Os sentidos (olfato, paladar, audição e tato) e os sentimentos (amor, amizade, tristeza, desgostos, alegria, etc.) são elementos presentes nos textos do cronista. Navarro elaborava seus textos, descrevendo o seu objeto como se pintasse uma paisagem em uma tela:

Do cais, você olha a boca-da-barra. Do lado de cá, o pontal escuro, com um farol sinaleiro. Braço de pedra, mar a dentro, ajudando navios e barcos maiores nas aberturas do canal. Do lado de lá, o dorso branco de praias e morros, manchas vermelho-azuis do casario irregular. Uma torre humilde de igreja. Os cocares impacientes do coqueiral. O território livre da Redinha (NAVARRO, 1998: 119).

Na sua obra *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros*, Newton Navarro descreve a paisagem da Praia da Redinha e também o panorama do Cais do Porto, este situado no bairro da Ribeira, onde os botes e as barcas transportavam os passageiros e as mercadorias para a Praia da Redinha. Desde meados século XIX, que os natalenses atravessam o Rio Potengi rumo a essa praia. O tenente de milícia Joaquim Manoel Açucena costumava ir com amigos a Praia da Redinha, saborear peixadas e ouvir o poeta Miguel Vieira de Melo, unindo os versos à música. Muitos poemas musicados eram destinados aos festejos populares e religiosos (CASCUDO, 1989: 66).

Nos primeiros anos do século XX, os banhos de mar eram recomendados por médicos nas primeiras horas da manhã para curar doenças. As primeiras praias a serem frequentadas foram a Praia de Areia Preta e a Praia do Meio. Segundo Souza (2008), a Intendência Municipal, por meio da Resolução nº 115, de 18 de janeiro de 1908, elegeu a Praia de Areia Preta como a praia oficial da cidade de Natal. Em 1914, os bondes elétricos já circulavam por esse trecho da orla marítima da capital potiguar. Em 1925, o prefeito Omar O'Grady construiu uma estrada ligando a Avenida Getúlio Vargas a Praia de Areia Preta. Esse fragmento de beira-mar tinha, na década de 1920, a preferência das elites, tornando um lugar de sociabilidade como demonstra a Revista Cigarra:

Nella (Areia Preta) criam-se amores, e se dissipam ciúmes... Menina de uma ingenuidade adorável ou de uma malícia dançando no mistério dos olhos lá

estão, nos mallots modernos enchendo de graça de expansiva os contornos poéticos e a areia tepida da formosa praia de Natal...

Areia Preta já entrou no período de novas conquistas... para a delicia dessa terra de moças adoráveis, de cavalheiros gentis, de sol poetizando a praia, corando com suas chammas os rostos e braços das banhistas. (Cigarra, ago:1929)

A Revista Cigarra exibia banhistas na Praia de Areia Preta, divulgando a sociabilidade nesse trecho de beira-mar por meio de textos e fotografias. O periódico descrevia os frequentadores da praia como cavaleiros gentis e moças adoráveis. Nas três primeiras décadas do século XX, a imprensa natalense costumava anunciar os lugares de sociabilidade, a exemplo dos cafés, dos cinemas e da Praia de Areia Preta, como ambientes elegantes e civilizados.

Na década de 1920, a Praia da Redinha recebeu seus primeiros veranistas, que construíram suas casas e, aos poucos, tornou-se a praia preferida das elites natalenses. Em 1925, os veranistas e os pescadores construíram em cima de uma duna, a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes. Na década de 1940, o número de famílias que possuíam imóveis na Praia da Redinha para o veraneio nos meses entre outubro e janeiro era imenso, comparando com o número de dez anos atrás. Os veranistas se deslocavam para seus imóveis na beira-mar ou procuravam casas para alugar durante o veraneio e os feriados. Segundo o cronista Aderbal de França, que assinava suas matérias com o pseudônimo de Danilo:

Emquanto isso, e apesar disso, a Redinha se torna mais importante, mais procurada, mais aristocrática. E até inacessível. As casas custam hoje relativamente fortunas nas transações de venda e aluguel. A esta hora já existem compromissos para a próxima temporada de outubro...

Pois bem. Tudo isso é o progresso, é o desenvolvimento de uma praia de velhos pescadores e rendeiras que se tornou de ano para ano repouso de ilustres e distintos veranistas. Tem mercado novo, tem clube dançante moderno, tem casas mais ou menos confortáveis... (A República, 25 abr. 1946: p.2)

Nessa crônica do jornal *A República*, Danilo se refere às transformações que a Praia da Redinha está passando nos anos de 1940. A localidade deixa de ser recinto de antigos veranistas e de pescadores para transformar-se em espaço elitizado. Em *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros*, Newton Navarro criticou essas transformações, afirmando que a praia tornou-se feia e perdeu o encanto de décadas anteriores. Revelou



sua preferência pelo cenário antigo da Praia da Redinha. Com uma dose de saudosismo, escreve a paisagem desse trecho da orla natalense:

O tempo é regresso... Antes, um casario ainda mais baixo e mais desalinhado. Casas praieiras, de mesmo. Arquitetura que amplia no tijolo e no cimento, somente, as “invenções” dos arquitetos locais. Ainda a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, dominadora, encimando toda a costa...

O mercado ainda não era. E o club ocupava um grande barracão de tábuas caídas, onde os veranistas festejavam as temporadas com bailes, sendo ponto alto desses encontros as “quadrilhas”, pelo Natal... Luzes de álcool e querosene iluminavam a sala com piso recoberto de areia fina...

Lá assistia bumba-meu-boi, pastoris e os famosos coco-de-roda... (NAVARRO, 1998: 127).

A Praia da Redinha, descrita na citação acima, era lugar de construções simples, de um pequeno templo religioso e de um povo nativo que conservava suas tradições folclóricas. Era a praia dos primeiros veranistas, a exemplo de Francisco Pignataro, José Aguinaldo de Barros e Flodoaldo de Góis. Este último era tio de Newton Navarro. O cronista passava suas férias, durante a infância e a adolescência, nos meses de dezembro e de janeiro, na casa de seus tios Idália e Flodoaldo de Góis.

Francisco Pignataro foi funcionário público. Exerceu o cargo de pagador das obras contra a seca, e posteriormente, foi tesoureiro da Recebedoria de Rendas do Estado. Frequentou, nas primeiras décadas do século XX, o Café Magestic, reduto boêmio de intelectuais, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, situado na Rua Ulisses Caldas, no bairro de Cidade Alta. Na década de 1930, Pignataro atravessava o Rio Potengi para veranejar na Praia da Redinha.

Navarro dedicou seu livro *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros* a José Aguinaldo de Barros, homem apegado à natureza das praias e a seu povo nativo. Nas décadas de 1950 e de 1960, José Aguinaldo exerceu a função de representante comercial e foi fundador da Bolsa de Valores do Rio Grande do Norte. No verão, costumava passar temporadas em praias pouco habitadas. Em meados do século XX, fugira das agitações da Redinha, preferindo:

... a praia primitiva, selvagem, com os sabores que havia descoberto na juventude, com os gostos de uma cozinha que as suas mãos calosas transfiguravam em pratos de um regionalismo delicioso, inimitável e tentador...

Desbravou praias, fundou largos de veraneio, hoje prósperos, com arruados e gente que esqueceu o seu nome e, por fim, para os longes de Genipabu, quase na foz do rio, fundou um reino, sua passárgada, onde ficou até os dias finais de sua aventura. (NAVARRO, 1998: 151).

Com a ocupação intensa de veranistas na Praia da Redinha, José Aginaldo preferiu ocupar a Praia de Santa Rita, levando consigo vários amigos que também construíram casas nessa praia. Depois de algum tempo, migrou para Genipabu, na praia de pescadores. Para os poetas e boêmios, como José Aginaldo, a paisagem da Antiga Redinha (das décadas de 1930 e início da década de 1940) era cenário ideal para prática da boemia. As transformações pela qual passara a praia a partir de meados do século XX incomodavam alguns intelectuais, a exemplo de Newton Navarro:

Toda a primeira linha de casas, na costa atlântica, já desapareceu. Casas altas, fortes, protegidas por largos muros de arrimo, não resistiram às marés violentas e se deixaram arrastar, pedra sobre pedra, deixando em seu lugar o chão raso da praia.

O certo é que a Redinha perdeu muito da sua feição antiga. Já a arquitetura (?) de construções novas, enfeando a paisagem, concorrem para a mudança a que a maré de alguns anos para cá ajudam a destruir. (NAVARRO, 1998: 135).

Em 1945, em virtude da participação da cidade de Natal na Segunda Guerra Mundial, verificou-se um rápido incremento do comércio e das atividades bancárias locais. Muitos negociantes, estabelecidos na capital potiguar, constituíram fortunas devido ao comércio e a especulação imobiliária. Os bairros do Alecrim, de Tirol e de Petrópolis se expandiam e, junto com esses, o comércio de imóveis na capital potiguar. A procura por casas nas praias para comprar e alugar também era grande. A Redinha entrou no rol da especulação imobiliária. A praia oferecia boa estrutura, tais como um novo clube social que proporcionava bailes aos veranistas, construído sobre o prédio antigo em 1943, e um mercado público, este inaugurado em 6 de fevereiro de 1944 pelo prefeito de Natal, José Augusto Varela. O clube da Redinha, atendendo aos padrões desejados pela elite natalense, era muito movimentado. Nas matinês dançantes dos domingos, as orquestras tocavam para aqueles que buscavam diversão.

As mudanças ocorridas na Praia da Redinha também gerou um pequeno conflito religioso, durante a década de 1950. A costa de mar possuía uma capelinha que guardava a padroeira dos pescadores e de veranistas, Nossa Senhora dos Navegantes. A

questão girou em torno da deliberação do bispado a respeito da transferência da imagem da santa para a Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, construída em 1956 no povoado da Redinha. A decisão não agradou aos pescadores, como narra Navarro:

E mesmo, qual a verdadeira morada da Virgem dos Navegantes? A velha capelinha, no alto das dunas, ou o monstrengo de pedra escura, acachapado no descampado da praia? A Igreja, que já tomara posição, dava ganho de causa aos veranistas (aliás, alguns veranistas, meia dúzia apenas) e as próprias autoridades civis e militares tomavam também o mesmo partido da Santa Igreja...

Os pescadores bravos, inarredáveis, irredutíveis. O lado de lá, os vitoriosos, tomando seus porres nas alpendradas, gostosos banhos, fartos pirões de peixes, e nas redes de largas varandas, bons sonhos... (NAVARRO, 1998: 132).

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes findou ficando na antiga capelinha, como era desejo dos pescadores. O conflito religioso entre pescadores e veranistas ocorreu devido à construção da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, no dia 16 de dezembro de 1956, que contou com procissão e missa celebrada pelo Bispo Auxiliar de Natal, D. Eugênio de Araújo Sales. Sua edificação é fruto dos esforços do Padre José Biesinger, da Ordem da Sagrada Família da paróquia de Bom Jesus das Dores, de pescadores e de um grupo de leigos católicos que veraneavam na Praia da Redinha, entre os quais Dr. Otto de Brito Guerra, Letícia Garcia e Betildo Guerra Cunha Lima.

Com a intensa ocupação da Redinha, os veranistas passaram a reivindicar melhores condições de infraestrutura. Dois problemas incomodavam os frequentadores desse trecho da costa marítima na segunda metade do século XX. Um era a falta de energia elétrica. A luz elétrica só chegou à Redinha em 1959, por meio de gerador a diesel, instalado pelo Governo Djalma Maranhão. A energia da Companhia de Paulo Afonso só chegou à praia em dezembro de 1968. Outro problema era o transporte de Natal para a Redinha. Em 25 de abril de 1946, o cronista Danilo, em *A República*, escreveu sobre esse assunto:

E' uma questão antiga. Mas sempre palpitante. Bem a compreende quem já a observou pacientemente indo e vindo da Redinha nos meses de veraneio. E' o velho problema do transporte. E não somente do transporte. Também do embarque e desembarque do outro lado... Sofre-se na espera da saída do bote, sofre-se no preço, sofre-se nas surpresas das chuvas, sofre-se com as

“viradas” do vento, sofre-se pela ausência de um ponto de atracação. Homens, senhoras, moças, crianças descem em braços de carregadores ou sobre pranchas inseguras ou sobre as águas que avançam e recuam nas beiradas da praia. (A República, 25 abr. 1946).

O cronista Danilo ainda afirma que soluções já foram propostas para o problema do transporte na Praia da Redinha, mas os projetos e recursos destinados ao caso nem ao menos melhoraram as condições da travessia Natal – Redinha. O serviço de travessia do rio Potengi na direção da praia da Redinha era prestado pela empresa de transporte do Sr. Luís Romão, desde 1945. O transporte fluvial era o único meio de chegada até aquela praia. Apenas em 1952, o prefeito Creso Bezerra iniciou a abertura de uma estrada de barro até a Redinha, mas a obra parou por falta de recursos. Segundo Souza (2008), o veranista Humberto Teixeira, com recursos próprios, deu prosseguimento à construção da estrada. Em 1954, os veranistas já utilizavam a referida via para chegar à Praia da Redinha.

Em meados do século XX a orla marítima era lugar de diversão. Pela praia da Redinha, rapazes saíam pela madrugada, tocando violão, cantando e fazendo serenata para moças em frente às suas casas. Segundo Guilherme (1999), seu grupo de amigos, no total de 10 ou 12 rapazes construíram uma palhoça estilo galpão para veraneiar na praia da Redinha. Essa habitação foi batizada de *Céu*. Nas palavras do memorialista,

Alí se brincava, mentia-se, bebia-se, cantava-se o amor e as belezas da vida. Diziam-se verdades, ouviam-se estórias de pescadores, choravam-se amores desfeitos, comemoravam-se os nascidos e os refeitos, tudo aos sons dos violões de Toinho e Macaquito. Aquele pedaço de chão plantado no coração da Redinha era o próprio céu, disse um dia, um bêbado. (GUILHERME, 1999: 45).

O *Céu* fora construído por rapazes de famílias que não tinham condições de possuir ou alugar uma casa na Praia da Redinha e também por jovens abastados, cujas famílias eram donas de casas de veraneio na mesma praia. O ambiente inspirava liberdade, longe das regras impostas pelos pais ou pela sociedade natalense. Os jovens habitantes do *Céu* faziam serenatas nas janelas das moças nas casas de veraneio. O galpão de palhoça transformara em um reduto boêmio na Praia da Redinha. Nesse lugar, os jovens bebiam, namoravam e cantavam os sucessos do momento, a exemplo de *Aos*

pés da Santa Cruz (composição de Marino Pinto e José Gonçalves), *Nada Além* (Mário Lago e Custódio Mesquita) e *De cigarro em cigarro* (Luiz Bonfá).

Navarro relembra a existência de uma *república* estudantil, composta por jovens que se dirigiam à Praia da Redinha para curtir as férias (NAVARRO, 1998: 139-140). A descrição do local assemelha-se ao *Céu*, exposto no livro de memória de José Maria Guilherme, *O Livro de José*. Tal como o *Céu*, a *república* possuía regimento interno. Seus habitantes improvisavam moradia e levavam consigo apenas roupas e garrafas de bebidas para os primeiros dias. O restante necessário para sua estadia na praia (alimentação, bebidas alcoólica), eles conseguiam por meio das doações de veranistas ou de “assaltos” a galinheiros e a cozinhas das casas.

Guilherme também descreveu que a alimentação dos rapazes do *Céu* era proveniente dos assaltos a chiqueiros e galinheiros das casas da praia, e/ou de doações dos veranistas. “Muitos abriam suas portas, alta madrugada e nos ofereciam o combustível gelado, com direito a tira-gosto, enquanto dizíamos que as músicas eram em sua homenagem” (GUILHERME, 1999: 46). O grupo de boêmios do *Céu* ou da *república* não teria se sustentado sem essas contribuições. Veranear na praia era muito dispendioso. O consumo de bebidas sempre era muito alto na praia. Nas palavras de Jurandy Barroso, em um mês de veraneio na Redinha foram consumidos: “... 12 garrafas de aguardente ‘Pitu’, vinte de vinho ‘trapiche’, 6 de gin ‘Gordon’s’, duas do dito ‘Seager’s’, 6 litros de wisk de várias marcas, 3 de vermouth “cinzano”, dois de ‘Martini’ Sêco. Quanto às cervejas, perdi a conta” (A República, 24 jan. 1960).

Na coluna *O Tempo e os Fatos*, Jurandy Barroso escreveu a crônica *Como e porque deixei a Rêdinha*. Nesta, o jornalista afirma que não deixou a praia por gosto, mas por necessidade. Os custos eram altos. Além disso, o trabalho não permitia que ele desfrutasse do veraneio na praia da Redinha.

Um veranista digno deste nome tem que ser um desocupado. Alguém que possa ficar semanas inteiras em completa e descuidada vagabundagem, gozando o mar, a areia, o vento, sem idéias de amanhã... Nunca pude fazer isso. Escravo da cidade, a Rêdinha só me serviu para ter inveja dos outros. De um Newton Navarro, que quando chega o verão desaparece de Natal e quem deseja encontrá-lo tem que tomar um bote e atravessar o Potengi... De um dr. Francisco Ivo, o mais antigo redinhense honorário, que só passa um mês na praia, mas passa o mês. De um Francisco Pignataro, que se entrega à estação com a arte de um legítimo epicurista.

Eu, pobre de mim, nunca consegui ficar três dias seguidos naquele paraíso...
(A República, 24 jan.1960)

Francisco Ivo Cavalcanti foi professor, teatrólogo, poeta, jornalista e advogado. Em 1960, era advogado-consultor da agência de Natal do Banco do Brasil. Para um trabalhador que assina ponto na repartição, cumprindo horário, desfrutar do veraneio em praias distantes como a Redinha, só apenas no final de semana (sábado e domingo) e no período de férias. Para aqueles que não assinavam ponto, o veraneio na Redinha era possível em qualquer mês da estação. Navarro não rubricava folha de ponto. Era escritor, pintor e desenhista e produzia suas obras em consonância com sua boemia. Poderia escrever sua crônica ou pintar um quadro em qualquer lugar, seja numa casa de praia, em um bar no bairro da Ribeira ou na sua residência.

Newton Navarro era um apaixonado pelas praias. Por diversas vezes abandonara o cotidiano agitado da cidade de Natal e passara a viver nas praias entre veranistas e pescadores, como autêntico *bon vivant*, curtindo e festejando a vida. Nas suas crônicas, a beira-mar tinha lugar cativo:

Deus salve a vossa chegada, mês de Agosto, que me abraçais com as vossas primeiras brisas. Envolvei de leve essa Cidade toda. Fazei cantar na alma dos poetas os canticos fortes que as marés revoltadas ensinam. Derramai mais amor nas moças praieiras. Apagai as lamparinas vecilantes sobre as latadas “nas praias arejadas”, para que a mulher desejada mate a saudade do pescador querido. Soprai fortes brisas de Agosto! Agitai o extenso lençol dessas praias nativas: Ponta Negra, Muriú, Touros, Pirangí, Pititinga... E em mim, levai um pouco dessa poeira de tristeza que se acumula demais em meus sentimentos. Quero o ar puro de uma praia de Agosto... A liberdade das areias de Ponta Negra... (A República, 03 ago. 1956: 2).

Na década de 1930, além de passar férias na Redinha, Newton Navarro também frequentava a Praia de Ponta Negra, onde Jacinto Inácio Torres, seu avô materno, tinha terras, jangadas e redes de pesca. Adulto, não abandonara a praia de sua infância, continuando a frequentá-la em noites de luar na presença de amigos. Na crônica, *Lua e Serviço Público*, Navarro afirma que:

Augusto Severo e mais alguns amigos andaram á minha procura. E disse-me Augusto, que me queriam para ir olhar a lua como se portava na praia de Ponta Negra. Que perdi eu... A companhia dos amigos e a lua, sem falar na praia silenciosa, nos coqueirais e lembranças, que naturalmente me acodem quando ponho os pés naquele canto de mar.

Ontem, aconteceu que me portei como bom funcionário público e fui assinar ponto e dar uma aula. Para que conheçais melhor o quanto perde sempre um pobre funcionário do estado!... (A República, 15 jun. 1957: 2)

A perda a que se refere o cronista trata-se do prejuízo de não poder admirar a lua na presença de amigos. A crônica ainda traz um elemento importante, o trabalho impede o funcionário público de poder apreciar momentos agradáveis ao lado de amigos, como um luar em uma praia distante, a exemplo de Ponta Negra. As praias de pescadores eram cenários perfeitos para a prática da boemia. As noites se estendiam até amanhecer. Newton Navarro, nessas ocasiões, junto aos seus amigos, costumava apreciar o nascer do sol. Na crônica *A Estrela*, assim descreve, com seu olhar de pintor, esse momento:

Foi quando a estrela se iluminou deslumbrantemente. Indefinida em sua beleza. Alçada sobre o mundo ainda manchado de noite. Pontilhando uma luminosidade de encandescer. Era o grande anúncio da madrugada nova. A pródiga estrela da manhã que renascia para nós. E ficou clareando. Baixou aos nossos olhos. Revolveu a treva fria dos nossos sentimentos – restos que ficaram de um sábado vadio. (A República, 24 set. 1957: 3).

Na Praia da Redinha, em dias de lua cheia, Newton Navarro vivia a sua boemia junto aos amigos e aos pescadores. “verão, na Redinha, com luas de dezembro, peixe frito no dendê, pinicados de viola ou rancos de surdos de cocô-de-roda, não lhe conto, senhor, mas é qualquer coisa que convence a viver...” (NAVARRO, 1998: 124). Nas suas crônicas, o escritor sugere que os dias de sol e de lua cheia propiciam cenários ideais para a prática da boemia. O verão apresenta-se como a estação adequada para a ocupação da praia pelos boêmios. O sol aquece os passeios matinais e a lua ilumina as caminhadas noturnas. Nas suas andanças a beira-mar, o cronista observa o dia amanhecendo e seu sentimento era de liberdade.

Para Navarro, o cenário ideal para a sua boemia era uma praia de humildes pescadores, com serenatas em dias de lua cheia, uma comida típica de praia (peixe frito no óleo de dendê) e danças folclóricas da região, elementos presentes na Praia da Redinha na década de 1930. Quando esse trecho de beira-mar tornou-se intensamente ocupado por veranistas, a partir de meados do século XX, esse cenário foi, aos poucos, desaparecendo. As danças folclóricas (coco-de-roda, pastoris, fandangos e bumba-meu-

boi) foram sendo esquecidas pelas novas gerações. As músicas, proveniente dos instrumentos dos antigos modinheiros, foram substituídas pelas músicas da moda, tocadas no violão dos frequentadores da praia e, a partir de fins da década de 1960, pelos radiolas e toca-fitas. As poucas serenatas passaram a ser iluminadas pela luz elétrica e não mais clareadas pela lua cheia.

As transformações pelas quais passou a Redinha incomodava Newton Navarro. Diante de uma praia elitizada, o cronista preocupou-se em resgatar, no seu livro *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros*, a memória de uma praia, que desde o século XIX, foi palco da boemia natalense.

Fontes

Areia Preta. *Cigarra*, Natal, ano. 2, n. 4, p. 19, ago.1929.

Danilo. O Problema da Redinha. *A República*. Natal, 25 abr. 1946.

Jurandy Barroso. Como e porque deixei a Redinha. *A República*. Natal, 24 jan. 1960.

Newton Navarro. Agosto. *A República*. Natal, 03 ago. 1956.

Newton Navarro. Lua e Serviço Público. *A República*. Natal, 15 jun. 1957.

Newton Navarro. A estrela. *A República*. Natal, 24 set. 1957

Referências

CARDOSO, Rejane (org). *400 Nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CARVALHO, Vicente Vitoriano M. Newton Navarro flâneur: um intelectual em direção à arte e à pedagogia da arte. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2., 2002, Natal. *Anais...* Natal, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O livro das velhas figuras*. v.6. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989.

GARCIA, José Alexandre. *Acontecimentos e Tipos da Confeitaria Delícia*. Natal: Clima, 1985.

GULHERME, João Maria. *O Livro de José: Memórias*. Natal: Fundação José Augusto, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PRATIL

NAVARRO, Newton. Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros. In NAVARRO, Newton.

Newton Navarro: Obras completas. V. 2. Natal: Fundação José Augusto, FIERN, 1998.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. Recife: UFPE, 2008. 242 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*. São Leopoldo/RS, v. 8, n. 10, jul/dez 2004, p. 79.

SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. 2 ed. rev. e ampl. Natal: DEI, 2008.